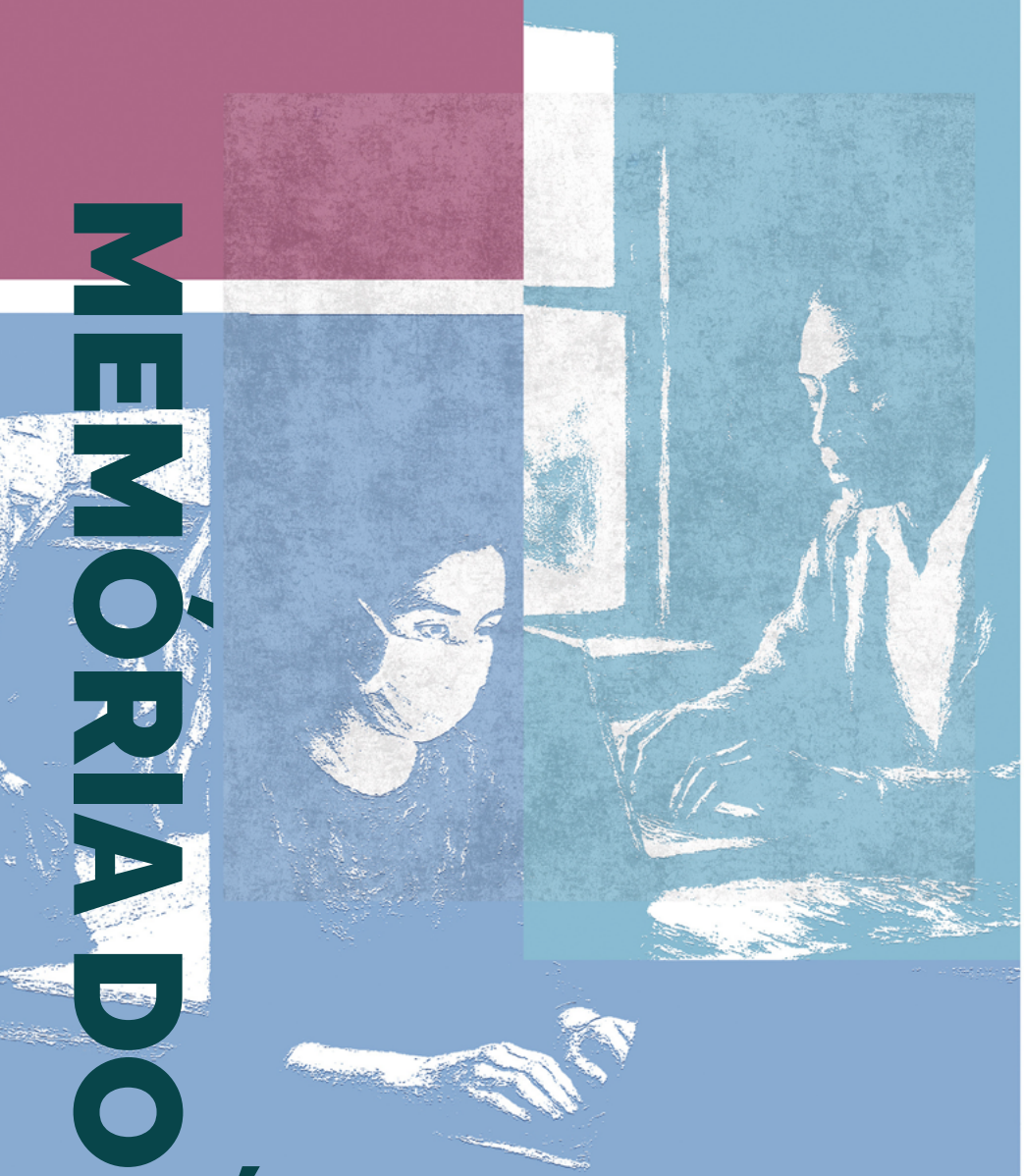
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







9

Fernanda Spanier Amador
Lívia Fernandes
Tânia Pereira Leal
Maria Elizabeth Barros de Barros

ESCUT(AÇÃO) NA PANDEMIA:

POLÍTICA DA AMIZADE, TRANSMISSÃO E ESTILIZAÇÕES DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL[1]

1 As pesquisadoras membro da equipe deste projeto e autoras do presente capítulo receberam financiamento do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 (Processo CNPq 409825/2021-2) e Bolsa de Mestrado Capes concedida a Lívia Ricardo Fernandes.

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.9





SUMÁRIO



Violeta: *Eu acho que o microfone da* ***Tulipa*** *tá travando um pouco, tá meio craquelado o vídeo dela...*

Begônia *É, eu não sei se ela tá ouvindo. Tá ouvindo,* ***Tulipa****?*

Pesquisadora: *Vamos ver pelo chat, de repente? Ó, ela tem que... tá caindo, parece, um pouco. Mas vamos... vamos ver...*

Tulipa: *Agora eu tô escutando, aham.*

Pesquisadora: *Ah, tá bom,* ***Tulipa****. Se ficar melhor pra ti só com áudio, como a* ***Violeta****., de repente...*

Tulipa: *É, eu vou ficar aqui com...eu vou ficar só com áudio, porque a minha bateria, ela não tá muito... forte, digamos assim, aí eu economizo um pouco só com áudio, tá bom?*

Assim iniciava uma Roda de Conversa com professoras da educação infantil na pandemia. O diálogo permite-nos evidenciar uma série de tentativas experimentadas visando estabelecer contato efetivo em meio a vídeos travados e baterias fracas; diálogo no qual professoras, pesquisadoras e equipamentos tecnológicos se misturavam, onde as características comunicacionais envolviam corpos inteiros, e por vezes, "apenas ouvidos", e onde oralidade e escrita pelos chats se alternavam. "*...eu vou ficar só com áudio porque a minha bateria ela não tá muito...forte*", diz a professora, em uma expressão de que disposição e energia passam a advir de distintas fontes, inclusive dos aparelhos, bem como de que corpos em acoplamentos digitais passam a operar em uma espécie de funcionamento próprio e inusitado.

Se para nós no exercício da pesquisa já se afigurava uma situação atípica de ofício com a qual estávamos a nos envolver, também neste pequeno trecho de diálogo temos a materialidade de uma experiência docente que estava exigindo muito das e dos docentes no exercício de seu trabalho. Se por um lado estávamos como que "imobilizadas" em casa, pela força do distanciamento social que se impunha, uma intensa profusão de movimentos experienciais estava





SUMÁRIO



também em curso, provocando a sensação de que algo estava sempre nos escapando. Tempo de paradoxalidades aquele no qual a afirmação de dois sentidos ao mesmo tempo, isso para falar no mínimo, era uma constante. Fique em casa e saia de casa, proteja-se e corra certo risco para que "a vida não pare" ... Naquele momento de crise pandêmica alguns clamavam para que a vida não parasse, para que a vida não acabasse, em meio a situações, ao mesmo tempo, em que era necessário desafiá-la para manter um mínimo das funcionalidades requeridas a ponto de que pudesse, até mesmo, ser interrompida. É, era tempo de paradoxos!

A equipe pesquisadora propôs apresentar-se para que as professoras seguissem fazendo o mesmo, e apresenta seus temas de interesse na pesquisa, a saber: pensar a experiência do trabalho e as relações que envolvem a saúde na e por essa experiência. A equipe posiciona, ainda, a perspectiva de pesquisa proposta. Situando o caráter de pesquisa-intervenção do projeto, também exaltou o entendimento de que quando conversamos com professoras e professores não estamos somente analisando pretensamente uma situação que já está dada e que apenas aguarda que alguém a "disseque". Em lugar disso, tratava-se de transformar para analisar e conhecer, de modificar na e pela pesquisa, a experiência que nos interessa pesquisar de maneira que como efeito temos a processualidade de uma análise compartilhada que diz do próprio objeto da pesquisa em movimento. Reiteramos que no momento que estamos em coanálise, criamos caminhos analíticos conjuntamente. Salientamos, enfim, que só se conhece o que se passa com quem trabalha, quando conversamos com quem trabalha e que nessa conversa se empreende um cuidado ao escutarmos os esforços de vida e saúde empreendidos diante dos desafios de seguir mantendo o ofício em pé. Trata-se, assim, de uma pesquisa-intervenção que visa um cuidado em saúde junto a quem trabalha, uma vez que para nós, atentar para o ofício, ofício esse que consiste no trabalho que é cultivado coletivamente no enfrentamento dos





SUMÁRIO



desafios do real[2] e que precisa ser objeto de análise pelas próprias pessoas que fazem sua história, é via para que se cuide das pessoas. Trata-se, então, como sinaliza Clot (2013a), de ir do cuidado do ofício ao cuidado das pessoas e não o contrário. Trata-se de combater linhas de ação individualizantes e novos higienismos no campo do cuidado à saúde de trabalhadoras e trabalhadores[3].

Cuidar da história do ofício e de sua memória feita por todas aquelas pessoas que nos antecederam, inclusive nas gerações, e que foram produzindo a história do ofício docente que passa a ser nosso quando nele investimos, converte-se em estratégia de atenção à saúde, portanto. Quando estávamos vivendo a pandemia, tal estratégia de cuidado apresentou peculiaridades tendo em vista que o ofício se encontrava em intensa transformação cujas implicações impactarão por muitos anos, e em relação às quais a produção de uma memória, a serviço da continuidade de sua história no presente visando abrir novos futuros, mostra-se imperiosa.

A equipe pesquisadora prossegue no momento inicial da conversa indicando a perspectiva da pesquisa e mobilizando o grupo para uma experiência narrativa no e com o coletivo. Ela exaltou que pelo compartilhamento de histórias e pela tessitura dessas histórias, pode-se criar junto e entender também, neste mesmo processo de contar, as situações de mudança relativas ao que se passava conosco

2 Para Clot (2006, p. 116), "[...] o real da atividade é também tudo o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir - os fracassos -, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer alhures. É preciso acrescentar a isso - o que é um paradoxo frequente - aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem que fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer. Sem contar aquilo que se tem de refazer".

3 Higienismo, na direção indicada por Yves Clot (2013a) é uma visão medicalizada, moralizante e individualizante de análise de saúde no trabalho. Segundo Clot, o higienismo é um modo de intervir e pensar que tende a lidar com o adoecimento no trabalho como problemas individuais, culpabilizando o trabalhador por adoecimentos que se manifestam em situação laboral. Higieniza-se os processos de trabalho tentando silenciar conflitos, tensionamentos, responsabilizando os trabalhadores pelos adoecimentos desses profissionais ignorando a dimensão coletiva do trabalhar. Logo, o higienismo não viabiliza espaços para o debate como direção privilegiada para ampliar o poder de agir de trabalhadores.





SUMÁRIO



na pandemia. Exaltou, ainda, que estávamos a inventar uma maneira de habitar o mundo naquele momento e que narrar o que se passava nos possibilitaria atentar para o que estávamos produzindo. Inventar uma maneira de habitar o mundo, essa era a questão. Inventar e narrar, inventar-narrando um lugar para viver em tempos de tanta ameaça à vida era nosso desafio.

O tema da produção da demanda de análise, isto é, de uma posição desejante de análise, é caro no âmbito de pesquisas clínicas do trabalho. Assim, é interessante sinalizar que o grupo que se constituiu para sustentar a Roda de Conversa da qual tratamos neste capítulo formou-se por solicitação de professoras que, sabendo do desenvolvimento da pesquisa, procuraram pela equipe pesquisadora.

Neste capítulo concentramos atenção na rodada de apresentação das professoras quando do início do primeiro encontro das Rodas Conversas que realizamos. É muito interessante o modo como os diálogos foram se dando, e a maneira como cada professora falou de si mesma, sempre referenciando as colegas professoras do grupo com as quais trabalham e destacando o reconhecimento de sua importância no modo como são professoras hoje. Destacam também as figuras familiares, igualmente professoras e professores, como importantes no modo como se fazem professoras, assim como salientam as próprias crianças com as quais trabalham em instigantes conexões que ligam temas tais como política da amizade, luta pela saúde, estilo, gênero profissional, pertencimento e reconhecimento pelo ofício, transmissão, ampliação do poder de agir, escuta e cont(ação) da experiência de trabalhar na docência, com particulares considerações dessa experiência na pandemia.

As professoras se apresentam em meio às tramas do ofício docente, que é o seu e o de outras e outros colegas de ofício que as antecederam, bem como que as acompanham hoje em suas escolas de atuação, entregando algo muito caro do ponto de vista clínico do trabalho: a emergência de professoras que se "tornam" pela dimensão





SUMÁRIO



coletiva da história do ofício, professoras que carregam consigo dimensões transmitidas da docência e que as fazem valer como bordas de si, e também como fios de confiança para as (trans)bordas sempre experimentadas quando trata-se do exercício do trabalho como atividade[4].

UMA POLÍTICA DA AMIZADE MOVIMENTANDO UMA LUTA PELA SAÚDE: O QUE MOVE AS PROFESSORAS EM DIREÇÃO À PESQUISA

A rodada de apresentações por parte das professoras foi acontecendo por entre os motivos que as levaram à pesquisa. Neste processo, a palavra "cuidado" se destacou. Desde a constatação da ausência de estratégias efetivas de atenção à saúde de professoras e professores da rede pública, até o vislumbre de possíveis pela pesquisa, no que tange à mobilização da gestão pública nessa direção.

Sob o ponto de vista da ausência de estratégias, o destaque à falta de práticas voltadas para cuidado da trabalhadora e do trabalhador pela perspectiva do cuidado do ofício aparece da seguinte maneira:

> **Begônia:** *Sobre, assim, o que me motivou, né, eu acho que muito da palavra cuidado me motivou. Porque nós não temos hoje, eu não vou nem falar de rede, do município de Porto Alegre, porque em outras redes também, a gente não vê isso e nem na particular nós vemos isso. Então nós não temos instrumentos que trabalhem com a ideia do cuidado do trabalhador, ou o cuidado do ofício, ou a saúde do trabalhador. Isso não aparece dentro do nosso cotidiano de qualquer forma. No máximo palestra, que tu ouve que*

4 A atividade é sempre sede de investimentos vitais. Ela transforma objetos do mundo em meio de viver. Com esse entendimento, Clot e Faïta (2016) nos indicam que a atividade dos sujeitos no trabalho não é determinada mecanicamente por seu contexto, pois a atividade o transforma num processo de coemergência de sujeito e mundos. Ela emancipa, sempre com a possibilidade de falhar, o sujeito das dependências da situação concreta e subordina o contexto em questão.





SUMÁRIO



> *vai ter uma palestra lá sobre saúde do trabalhador. Mas isso, de fato, ele não, não é algo, não é um tema que percorre a docência, tá.*

No entanto, em que pese a ausência de uma política de atenção à saúde docente organizada pelo poder público de modo perene e por entre modalidades de ação coletiva para análise dos processos de trabalho[5], tal como indicado pela professora, parece-nos justo reconhecer que o cotidiano escolar é feito de constantes práticas docentes, que por si mesmas expressam esforços de produção de saúde pelo exercício do ofício[6]. Esforços esses que consistem e consistiram em nosso propósito analítico pela pesquisa, bem como que ganharam uma via expressiva pela procura das professoras para participarem dela.

Podemos pensar que os efeitos de uma "governamentalidade neoliberal que vem se exacerbando a cada troca de gestão municipal, trazendo consigo políticas que fomentam a individualidade, a competitividade, a desarticulação dos coletivos de trabalho, a precarização e a terceirização dos serviços públicos", conforme sinaliza Lucia Almeida da Silva (2022; p.11-112), quando discute a respeito de práticas neoliberais na educação pública e suas conexões com a saúde de trabalhadoras e trabalhadores da educação no âmbito da cidade de Porto Alegre/RS, estas possuem uma relação direta com a ausência de uma política de cuidado que possibilitaria a problematização dessa mesma lógica. Ao mesmo tempo, a pesquisa de Silva (2022) indica

5 As práticas de atenção à saúde e, em especial, no que tange à saúde mental, são hoje promovidas no município de Porto Alegre/RS e no estado do Rio Grande Sul/RS, pela via de atendimentos individualizados em setores destinados para tal. Eventualmente são realizadas ações grupais nas escolas, pela via de palestras ou de intervenções pontuais. Ações de caráter permanente visando promover nas próprias escolas a análise dos processos de trabalho junto com as pessoas que lá trabalham são inexistentes ou escassas. Vale ressaltar que a análise dos processos de trabalho realizada com quem exerce o ofício fornece os elementos necessários para a produção da própria política pública de saúde nas escolas, dito de outro modo, é lá e por tais métodos que a política pode fazer-se pública nas escolas.

6 Chamamos a atenção para o fato de que reconhecemos a riqueza dos esforços de vida e saúde empreendidos no cotidiano das escolas não exime de responsabilidade o poder público no sentido de fazer valer políticas públicas de atenção à saúde de trabalhadoras e trabalhadores docentes.





SUMÁRIO



que trabalhadoras e trabalhadores da educação criam estratégias de enfrentamento ao que constrange seu poder de agir, dimensão essa diretamente relacionada à produção de saúde no e pelo trabalho (Clot, 2010a). Para Clot, quanto mais constrangimento a criação de meios para existir no e pelo trabalho e para reinventar o próprio trabalho, mais chances de produção de sofrimento e adoecimento no e pelo trabalho. O que indica Silva, é que a despeito dos constrangimentos a ação docente e trabalhadoras e trabalhadores da educação criam na gestão cotidiana do seu trabalho, práticas de resistência e saúde[7].

A essa altura da conversa já nos perguntávamos: o que a atividade, e a saúde que se faz possível pelo trabalho docente enquanto atividade tem a dizer para as políticas públicas de saúde e de educação? Tal pergunta ganha força quando pelo curso do diálogo com as professoras da educação infantil evidenciamos a presença de um cuidado que percorre a experiência da docência: cuidado umas com as outras e com o próprio ofício que se manifesta de maneira importante por entre distintas situações em que a resistência se faz saúde. Tal discussão que é objeto da tese de Silva (2022), indica que o dia a dia do trabalho na escola é repleto de estratégias de enfrentamento àquilo que constrange o poder de agir das trabalhadoras e dos trabalhadores da educação, poder de agir que está diretamente relacionado à produção de saúde no/pelo trabalho como já dissemos.

Assim, nossa pergunta "o que a atividade, e a saúde que se faz possível pelo trabalho docente enquanto atividade, bem como pela análise deste processo, têm a dizer para as políticas públicas de saúde e de educação?" pareceu-nos de certo modo colocada enquanto problema ao pensamento pelas próprias professoras que nos procuraram

7 O elemento de resistência, leva-nos a poder pensar naquilo que Canguilhem (2014) propõe através do seu conceito de saúde, como sendo a criação de meios para seguir existindo, e a criação de um meio para existir. A isso, Clot (2010a), partindo de Espinosa pensa a saúde do trabalho como a ampliação do lastro de afetações alegres, aquelas que mobilizam a ampliação da ação. A esses meandros micropolíticos imbricados no conceito de trabalho como atividade, vislumbramos uma possibilidade de saúde, ainda que atentas ao plano macropolítico, posicionamos a importância de não haver desresponsabilização do Estado pelas ações em saúde do(a) trabalhador(a).





SUMÁRIO



para participar da pesquisa, as quais apontam, ao mesmo tempo, dois vetores: um que se refere à constatação da ausência de políticas públicas de saúde junto a trabalhadoras e trabalhadores da educação que estejam atentos à perspectiva do cuidado do ofício, e outro que diz do desejo de que suas narrativas contendo suas estratégias de cuidado já empreendidas indicassem um caminho para isso.

Diz a professora:

> **Begônia:** *...em segundo lugar, uma motivação muito grande foi poder pensar que essa pesquisa possa gerar frutos pra talvez uma... alguns caminhos pra saúde do trabalhador aí, dentro da nossa rede. Então se de alguma forma essa pesquisa possa ajudar pra que se comece a se pensar na saúde do trabalhador, ou investir em políticas públicas que favoreçam a saúde do trabalhador é um dos motivos de eu estar aqui também, né, porque é uma luta que é muito política também. Né, de nós querermos que façam políticas que pensem não só a qualidade pedagógica, mas a qualidade mental, social, enfim, e que enxergue o trabalhador de uma maneira ampla.*

As qualidades mental, social e pedagógica são pela professora exaltadas como tríade inseparável. A este respeito, Clot (2010b) sinaliza algo muito interessante do ponto de vista da saúde no que tange ao trabalho[8]. Para o autor, a saúde de quem trabalha está diretamente

8 Clot (2010b) menciona o caso de uma organização na qual operários e operárias haviam se mobilizado para alcançar os objetivos de qualidade referentes ao produto: biscoitos. No entanto, diante de condutas assumidas pela empresa de vender biscoitos antes descartados por defeito constatado por trabalhadores e trabalhadoras, e de modificar as receitas diminuindo quantidade de ingredientes e os substituindo por outros mais baratos visando maior rentabilidade, eles e elas se ressentem de serem alijados da metamorfose dos produtos, das técnicas, das matérias e da qualidade dos processos e produtos dos quais participam. "A direção tentava nos fazer acreditar que as receitas não mudavam, mas sentíamos que os odores não eram mais os mesmos" (Clot, 2010b, p. 40, tradução nossa), diziam. Assim, é a saúde no e pelo trabalho alimentada na possibilidade de que esse critério de qualidade que está atrelado à história do ofício e àquilo que se transforma pelo ofício, portanto, provenha de quem efetivamente a produziu, daquelas e daqueles que se reconhecem pelas entranhas dos modos de trabalhar que são cultivados coletivamente. No que se refere ao trabalho docente podemos desdobrar questões referentes aos índices que medem a qualidade da educação básica, índices esses também balizados pelo Banco Mundial que financia a educação apresentando indicadores para a educação básica como contrapartida de financiamentos.





SUMÁRIO



relacionada ao critério de qualidade referente ao seu trabalho, critério esse que é traçado pelas próprias trabalhadoras e trabalhadores quando do exercício de seu ofício. Dito em outras palavras, os critérios de qualidade podem passar ao largo dos critérios de rentabilidade, ou mesmo de tempo para realizar algo no trabalho muitas vezes definido por segmentos distantes de onde a atividade se dá. E mais, os critérios de qualidade no e para o trabalho emergem das contingências que envolvem decisões operatórias, arbitragens de valores (Schwartz, 1996), estando, portanto, intimamente relacionados à emergência dos próprios processos de trabalho e dos modos de trabalhar.

Ao assim indicar, a docente leva-nos a pensar em uma corresponsabilidade entre Estado, trabalhadoras e trabalhadores docentes que poderia ser assumida enquanto estratégia de saúde no e pelo trabalho. Corresponsabilidade no sentido de produzirmos respostas hábeis (Haraway, 2023) na direção de um projeto de continuidade valendo-nos daquilo que recebemos das mãos de outras pessoas, e que tomamos como tarefa na direção de prosseguirmos criando novos meios de existência em coletividade. No que tange à saúde docente, trata-se, então, de corresponsabilidade na produção de ações, e da criação de instrumentos, como diz a professora em trecho acima, capazes de se valerem dos esforços de vida e saúde empreendidos no cotidiano do ofício para, por elas e com elas, produzir-se políticas públicas de saúde na educação que apostem no exercício do próprio trabalho como fonte de saúde. A professora indica que docentes em análise do trabalho como ofício possuem uma força significativa nesse sentido e ainda sinaliza que esse pode ser um espaço de luta política. A propósito, o tema da saúde da trabalhadora e do trabalhador sempre foi objeto da luta política pelas trabalhadoras e trabalhadores, já que sem ela, juntamente com sindicatos, organizações da sociedade civil e universidades, pouco se teria produzido até hoje em termos de proteção social da classe trabalhadora.

As apresentações prosseguem e a próxima professora, também indicando seu percurso na docência, sinaliza que o que a motivou





SUMÁRIO



a vir para a pesquisa foi o convite feito por outra professora também participante da pesquisa e que é sua amiga, a qual por sua vez recebeu o convite de outra professora também participante da pesquisa. Ela sinaliza ainda que a possibilidade de receber apoio pela participação no projeto foi um fator importante para seu engajamento neste.

Em uma rede de afetos pela qual uma amiga chama outra amiga, que por sua vez chama outra amiga que foi chamada por outra amiga, pensamos na peculiaridade desse processo que nos leva até as formulações de uma política da amizade (Ortega, 2020), política essa que diz respeito à amplificação da esfera do político e que indica uma fina percepção das professoras para o fato de que o cuidado de si mesmas enquanto trabalhadoras passa pelo cuidado do coletivo. A amizade consiste em um risco a assumir e a experimentar enquanto convite à ação, como diz Ortega (2020, p. 12): "agir é um início que se define pela irreversibilidade e pela imprevisibilidade, mas ao mesmo tempo uma chance, uma forma de sacudir as imagens e metáforas tradicionais, de experimentar e criar novas formas de vida".

Quando nosso tema é o trabalho como experiência microgestionária da distância sempre presente entre o que está previsto e o que efetivamente se realiza, e quando nas considerações desta distância tratamos da presença de um vírus altamente ameaçador como foi o da Covid-19, foi preciso apostar na amizade, no sentido preciso aqui abordado, como estratégia para não sucumbir ao enorme perigo que corríamos afirmando um modo de cuidado relativo ao modo como vivemos junto, no e pelo trabalho.

Se a saúde no e pelo trabalho consiste em ampliar o poder de ação na experiência microgestionária do trabalho, exercendo autonomia no processo de trabalho na medida em que se pode ser sujeito ativo da produção das normas[9] no trabalho, como nos indica Yves Clot

9 As normas aqui referidas são compreendidas como criação de meio para trabalhar, trata-se de exercício de normatividade no sentido proposto por Canguilhem (2001) e não como normalização, tal como discute Foucault (1996; 2005).





SUMÁRIO



no livro Trabalho e Poder de Agir (2010), e se nessa situação vimo-nos diante de uma intensa experiência de vazio de normas (Schwartz, 2009), já que o que estava estabelecido e funcionando até então tornou-se, por vezes, insuficiente para dar conta das situações inusitadas do momento levando à criação de modos de trabalhar e envolvendo agência, portanto, por parte de professoras e professores, foi necessário tomar a tarefa de agir nas mãos. Fazer não necessariamente implica em agir, podendo esse último verbo se consubstanciar em situações nas quais o caminho é "nada fazer". Agir mobilizando destreza com as ferramentas do trabalho, sendo responsivo[10] às outras pessoas com as quais trabalha, ampliando o raio da ação pela mobilização de sua subjetividade, foi dimensão intensamente requerida na pandemia, diante do que professoras e professores não se furtaram à tarefa. Colocar essa experiência em análise como modo de operar trabalho coletivo a fim de fortalecer um coletivo de trabalho (Clot, 2010).

Agir no calor de uma situação que requeria confiar em um contexto de intensa indeterminação, oportunidade essa inusitada para uma política da amizade considerando-se que "A amizade é no fundo um "programa vazio", outra denominação para uma relação ainda por criar", diz Ortega (2020, p. 13). Programa vazio no sentido em que o meio precisa ser feito, meio que justifica nossa existência antes que a sua finalidade ou meta, meio que designa zona de intensa profusão de modos outros de vida e trabalho e que na situação da pandemia foi investido por intensa normatividade (Canguilhem, 2014) entre as professoras, entre as professoras e os "bebês" como costumam chamar as crianças com quais trabalham, bem como entre as professoras e as pessoas que as cuidam na família e/ou comunidade.

Assim, essa dimensão da amiga que chamou a amiga, que chamou outra amiga, tal como dizem as professoras, nos fazem

10 Ser "responsivo" aos outros é uma expressão que empregamos visando destacar a importância de assumirmos a tarefa de receber das pessoas com quem trabalhamos, elementos de ofício de modo a responder a eles o que implica em continuar, criadoramente, os modos de operação no trabalho.





SUMÁRIO



pensar que o mote do cuidado que as trouxe para a pesquisa ativando uma rede coletiva para isso, diz muito de um entendimento de que a saúde no e pelo trabalho passa por aí. Não apenas no sentido de reunir pessoas para terem oportunidade de falarem a respeito de como viviam aquela situação, mas de que era no espaço do político, dos modos como gerimos a vida coletiva no e pelo trabalho, que uma saúde poderia e merecia receber atenção; abordando "o como fazer" do trabalho naqueles dias, os riscos que estavam correndo diante de situações que requeriam ação e tomada de decisões a respeito de como operar no trabalho. Viver modificações nas estratégias de ofício implica, inevitavelmente, em uma conversa consigo e com colegas de ofício[11] já que acordos e valorações acerca dos processos de trabalho são tecidos todos os dias diante da necessidade de sempre, em alguma medida, gerir as infidelidades do meio que nos levam a pensar e a agir.

Caberia a nós traçarmos os percursos dessa criação como estratégia de produção de memória, memória do ofício docente na e a partir da pandemia que envolvia uma política da amizade expressa de modo muito peculiar neste grupo de professoras: uma amizade que se fortalece pelo esforço de pensar junto e de se modificar junto, amplificando, assim, sua força política e a potência de uma saúde no e pelo trabalho; uma amizade que foi lastro, inclusive, para que nuances relativas ao que Mbembe (2017) define como política da inimizade ganhasse espaço nas conversas estabelecidas[12].

11 Em clínica da atividade entendemos que há endereçamentos ao objeto, a si mesmo e aos outros no exercício do trabalho. Espécie de conversa sempre movida por entre os enfrentamentos aos desafios do real do trabalho.

12 Achille Mbembe, em livro intitulado Políticas da Inimizade, argumenta que a guerra se instalou como fim e como necessidade nas sociedades democráticas, na esfera política e na cultura. Guerra essa que mobiliza afetos na direção de sociedades da inimizade, nas quais afastamo-nos daqueles que não consideramos "os nossos". Essa discussão permite-nos atentar para efeitos da colonialidade no cotidiano, que em forma de problemas da ordem das interseccionalidades podem se fazer presentes por entre o exercício do trabalho docente como ofício. A este respeito, ver os trabalhos de Tatiane Oliveira (2018) e Raquel Hack da Rosa (2025).





SUMÁRIO



No fluxo das apresentações, outra professora exalta o serviço que a SMED possuía à época para receber professoras e professores necessitando de atendimento que envolvesse questões do trabalho e prossegue com sua apresentação. A professora que é filha de professora, neta de professora hoje se sente filha da colega que trabalha há mais tempo na escola. Em uma espécie de filiação produzida no espaço da escola, algo do ofício aí se insinua: a docência na educação infantil mobilizaria um modo de habitar o mundo e o ofício em que laços afetivos de cuidado que movimentam as operações de trabalho e a dinâmica do pertencimento no trabalho.

Diz a professora Violeta:

> *...acabei me encontrando nesse grupo, nesse colo. Eu acho muito engraçado, né que na Escola*[13] *eu me senti uma educadora pertencente àquele movimento, sabe, eu pude, posso fazer parte, posso contribuir, e posso colocar também a minha marca ali, né, naquela escola.*

ESTILO, GÊNERO PROFISSIONAL, RECONHECIMENTO E PERTENCIMENTO

Colocar sua marca no trabalho aparece no trecho da fala da professora como vontade vinculada a sentir-se pertencente a um movimento, a uma certa condição de trabalho coletivo implicada com a história do ofício. Manter o meio aberto – a história do ofício em narração – é mais do que uma história narrada. Estilizar o

13 Substituímos o nome da escola por Escola para fins de preservação de critério de não identificação.





SUMÁRIO



gênero profissional[14], contribuir com a história do ofício desde seus desafios constantes que pedem por transformação, de si mesmas e do próprio trabalho, é em clínica da atividade uma dinâmica necessária para movimentar o ofício e, assim, para cuidar da própria saúde. Para Clot (2013b) há no trabalho uma iniciativa dos trabalhadores e trabalhadoras que instaura uma relação, no mínimo, modificadora da norma por se desenhar a história dos ofícios enquanto matéria expressiva de uma produção coletiva. Para o autor, experimentar o trabalho como atividade implica em "construção, no comum, de um mundo em que o sujeito pode viver a experiência do real naquilo que ele tem de desconhecido e inesperado" (Clot, 2013b, p. 201), sendo no acontecimento que se reencontra, graças à instituição, o poder de agir sobre o meio, contra a instituição e além dela.

Resultando de um trânsito por entre as prescrições para o trabalho, os modos como cultivamos o trabalho em nós, os endereçamentos de nossas ações aos nossos pares e àqueles com quem trabalhamos, e contando, ainda, com uma instância chamada transpessoal, na qual produz-se gêneros de ação e estilizações, o ofício consiste em zona coletiva por excelência. Haveria, enfim, uma habilidade do ofício (Clot, 2013a), operada por um mecanismo coletivo

14 Segundo Barros, Freitas e Chambela (2019, p. 7), tendo como referência os conceitos de gênero profissional e de estilo propostos na abordagem clínica do trabalho chamada clínica da atividade: "conceito de gênero profissional indica uma herança que os trabalhadores acessam para realizar o trabalho. Ele tem estabilidade sempre transitória, alimentando-se, permanentemente, das renovações efetivadas pelas estilizações no ato de cada trabalhador. O gênero seria um corpo intermediário entre sujeitos, um interposto social situado entre eles e entre trabalhadores e objeto de trabalho. Tal patrimônio viabiliza singularizações e convoca a uma mobilização subjetiva, que é o estilo, instrumento que pode transformar os gêneros, possibilitando que se mantenham em 'estado de funcionamento', de forma que esses gêneros possam se transformar e se desenvolver. O gênero é a condição de antecipação da atividade do outro e da troca social que marca a atividade de trabalho, que seria irrealizável se os sujeitos não utilizassem atividades pré-construídas na história dos gêneros. Dessa forma, os gêneros se mantêm vivos com a operação das constantes atualizações estilísticas. A possibilidade de os coletivos se manterem em atividade passa por essa estilização dos gêneros que vai se articulando com o plano coletivo por meio de contribuições singulares que, por sua vez, emergem de um coletivo. Coletivo e singularidade como dimensões indissociáveis. Tais processos guardam em si uma potência de contágio, tratam de formulações oriundas de problemas que são produzidos coletivamente e, portanto, compartilhados".





SUMÁRIO



dependente dos próprios trabalhadores sendo por tais mecanismos que subjetividades são produzidas, assim como processos de saúde são experimentados. Vivendo dramáticas dos usos de si (Schwartz, 2007, p. 211), "professoras e professores fazem uma espécie de corpo coletivo, corpo-si nas palavras do autor, que catalisa planos de história pessoal, coletiva e por-vir envolvendo sensações e memória sem que se pense realmente". Espécie de corpo que longe de ser uma unidade psicofísica, acessa uma zona de forças que implica em micropercepções e infrassentidos por onde os trabalhadores entram em conexão com um plano nada interior e privativo e sim, exterior, da ordem do comum (Amador; Fonseca, 2011).

Desta dinâmica, pertencimento e reconhecimento no e pelo trabalho se dão. A professora indica que o sentimento de pertencimento vem de a pessoa poder colocar-se nas coisas, lugar esse onde nos reconhecemos justamente no instante em que experimentamos o inédito que nos força a diferir, pensamos. Quando expandimos nosso poder de agir no e pelo ofício, e quando nisso descobrimos-inventando aquilo de que somos capazes.

Este aspecto de que a docência na educação infantil mobilizaria um modo de habitar o mundo em que laços afetivos de cuidado movimentam as operações de trabalho e a dinâmica do pertencimento aparece também no questionamento da professora Violeta:

> *acho que trabalhar na escola pública também me fez pensar, assim, em formalizar uma coisa que eu há muito tempo pensava, que é será que... será que vale a pena ser mãe hoje em dia? Né, eu acabei que eu tô abrindo um pouco mão dessa vontade de ser mãe por encontrar uma realidade muito difícil, assim, na vida das crianças aonde eu trabalho. Né, será que vai valer a pena*?

Assim, vida, trabalho, maternidade figuram como limiares mobilizantes e mobilizados da e pela docência. O alcance dessa experiência é amplo, indicando que as linhas de produção subjetiva que se emaranham pela escola produzem efeitos insuspeitos no





SUMÁRIO



campo social e nas diversas configurações existenciais experimentadas em distintos espaços.

A professora Violeta enuncia que ao se apresentar disse coisas talvez distintas das pensadas inicialmente. *"Pensei em coisas tão legais e na hora da gente falar a gente fica tão... a gente fica um pouco nervosa, assim, mas a gente vai conversando"*. E é isso mesmo, no curso do diálogo, em prática de dizer e de escutar(se), o curso do pensamento vai se desdobrando e produzindo caminhos e sentidos outros, experimenta desvios típicos de uma estética que vai sendo tecida no momento mesmo que dizer algo torna-se o próprio algo que se diz. Não exatamente falar sobre o algo, não exatamente falar sobre uma experiência, mas deixar o algo e a experiência falarem.

A equipe pesquisadora relança questões a partir das colocações das professoras destacando a impossibilidade de apartarmos o trabalho da vida fora do trabalho, do cuidado que a pessoa merece receber, da perspectiva de vida que produzimos, de nossa história, enfim. E a partir daí, mais um movimento é feito na direção do diálogo:

> **Violeta:** *É, não, eu até queria acrescentar que eu acho difícil a gente se desvincular, sabe, da escola. Apesar de a gente sair da escola, lá somos educadoras, e fora a gente tenta ser gente, gente normal, mas não dá, gente, é muito difícil. Olha, às vezes a gente se pega num... em... né, em situações de pensamento, né, como a... com essa que eu compartilhei com vocês agora, de decisões da minha própria vida, pautadas pela experiência que a gente tem na própria escola, então é difícil deixar de ser professora, inclusive, o meu texto quem sabe foi isso, até onde vai a nossa boa vontade sendo educadoras, né. Até onde vai o nosso serviço. Acho que é isso.*

A professora neste momento de sua participação no grupo leva-nos à sua história postada na plataforma da pesquisa, história essa que diz de um trabalho que perdura enquanto pensamento que vai e volta mesmo depois de deixar a escola, ou mesmo de levar a





SUMÁRIO



termo uma série de tentativas para realizar trabalho na pandemia. História na qual essa peculiar característica do trabalho docente, a de se embrenhar por entre tantos afetos para sustentar um trabalho com crianças tão pequenas, aparece em detalhes do que se passou durante a pandemia.

ATÉ ONDE VAI A BOA VONTADE?

Nesta pandemia aprendi uma coisa: professor não tem hora para encerrar o expediente!

Perdi a conta dos dias que entrei noite adentro conversando com familiares de crianças... Pois na Educação Infantil é assim: ou acolhemos aos horários e possibilidades de contato que as famílias nos oferecem ou não temos contato nenhum com os pequenos!

Neste período foram inúmeras as tentativas de aproximação da escola com a comunidade escolar. Inventamos grupo no Whatsapp, grupo no Facebook, páginas nas redes sociais... Tudo que pudesse trazer visibilidade e contato rápido para com as famílias.

E nesse esforço todo de abraçar a comunidade, abraçar as crianças e suas inúmeras demandas veio junto a famosa ansiedade.

Nesta pandemia aprendi... professor não tem hora para dormir.

A ansiedade de não conseguir contato naquela semana com uma criança, a ansiedade de pensar em mil e uma possibilidades para – tentar - confortar as mulheres mães das crianças que percebiam a falta da escola na vida dos seus pequenos...





SUMÁRIO



E assim minhas noites foram longas, divergindo em muitos pensamentos mágicos de um mundo que da noite para o dia voltaria ao normal, com uma escola acolhedora, integradora, formativa...

...E até hoje ainda não descobri o que é normal.

Em uma espécie de texto-problema, nos parece, a professora traz muito do ofício docente na educação infantil e o faz partindo de um questionamento: *"Até onde vai a boa vontade?"*, pergunta essa que dizendo de uma disposição para ajudar, para estar junto, comporta também a problemática do limite. Expressão de um dilema talvez, cuidar das outras pessoas e cuidar-se naquela situação pandêmica em determinadas circunstâncias talvez não fossem exatamente tarefas compatíveis, ao menos não do modo como se almejava. Se fazer o trabalho docente na educação infantil requer vínculo e contato com as famílias, a professora viu-se em momentos dramáticos nos quais fez esforços extremos para não ficar sem eles, ainda que algo lhe escapasse: a possibilidade do contato na presença faz muita diferença quando o que está em questão é o exercício do trabalho como ofício. A escola feita de acolhimento agora "havia desaparecido", como mesmo indicam professoras em suas postagens na plataforma intituladas "A Escola na Pandemia" e "As aventuras de Glória, uma profe em 2030"[15], ainda que se tentasse abraçá-la.

A próxima professora, Tulipa, ao entrar na conversa apresentando-se, inicia dizendo que sua trajetória é parecida com a da colega, que começa com a mãe como professora, ela indo para escola com sua mãe, brincando de professora, vendo a mãe trabalhar aos finais de semana corrigindo tarefas de alunos: *"ela levava uma sacola vermelha cheia de cadernos, giz"*, diz a professora. Neste ponto, cabe pontuarmos a dimensão do brincar presente na fala da professora.

15 Disponível em https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/ate-onde-vai-a-boa-vontade/ e/ou no capítulo *Narrando com restos: desafios do ofício docente*, deste livro.





SUMÁRIO



Não raro, ouvimos de adultos a fala de que em suas infâncias brincavam de exercer o que viria a ser sua futura profissão. Aqui, dentro do escopo das clínicas do trabalho, vislumbramos um elemento de que o trabalho, sobretudo aquele que se ocupa das infâncias, convoca o adulto-trabalhador à experiência de (uma)[16] infância que emerge na cena laboral, seja pela via do resgate memorialístico do brincar, ou até mesmo pelo fato de, considerando o brincar a linguagem da criança, um devir-criança implicado em um labor que tem como conteúdo de trabalho a própria infância. Aqui, não nos parece trivial posicionar que trabalhar na educação infantil envolve uma experiência com as infâncias, e ainda, (uma) infância na experiência, aqui demonstrada pelo brincar da professora, que no fluxo dialógico nos entrega que o gesto estético de sua atividade hoje se avizinha a um antigo gesto lúdico por ela vivido em tenra idade.

Assim, no ofício docente com crianças tem-se a infância enquanto conteúdo do trabalho que arrasta a infância do próprio adulto-trabalhador (re)atualizada na cena do trabalho. Deste modo, podemos dizer que há (uma) infância na experiência do trabalho como atividade que transversaliza o fazer do adulto afirmando gestos e expressões que acontencimentalizam o trabalho. Fernandes (2025) propõe pensar que o trabalho com crianças convoca os sujeitos a se aproximarem das múltiplas infâncias, produzindo implicações éticas, estéticas, políticas e poéticas no trabalho como atividade.

A admiração pela mãe é presente pelo elogio de que se trata de uma mulher muito dedicada à educação, bem como de que é uma apaixonada, lutadora e crítica no campo educacional, todas características que teriam ficado nela, como herança simbólica transmitida, nos parece. Na pandemia, o pai, professor já aposentado, voltara a dar aulas voluntariamente para crianças que ainda não haviam se

16 Seguimos os rastros de Deleuze (1995), compreendemos que trata-se de uma infância em imanência, transpessoal, referida entre parênteses, da qual diz respeito, portanto, de uma infância que se transversaliza e faz-se força e fluxo.





SUMÁRIO



alfabetizado, comparecendo também na conversa com a professora, enquanto figura de admiração. Assim, um instigante elemento ganha lugar por entre a conversação: a dimensão da transmissão do ofício.

O LUGAR DA TRANSMISSÃO NO E PELO OFÍCIO DOCENTE

O tema da transmissão envolvido no desejo pela (e na) docência, e que aparece nas tantas tramas que envolvem mães e pais docentes de filhas que se tornam professoras, se embrenha por entre a mobilização desejante que se dá entre as próprias colegas de ofício. Afinal, o tema da transmissão na esfera da experiência do trabalho já era sinalizado por Clot (2006, p. 148) quando dizia que "transmitir é tornar possível um novo ato". Ligando transmissão e transformação do próximo ato, a questão que se exalta aqui é a de que transmitir consiste em uma operação da ordem da emissão de algo que é transversal, de algo que é capaz de desestabilizar o que se apresenta instituído, de conectar com devires (Barros; Passos, 2012).

Se no trabalho o gênero profissional consiste em patrimônio, estoque de dimensões criadas para agir e emergente do exercício laboral como atividade, trata-se de herança que se recebe e pela qual assumimos, como integrantes de um ofício, um compromisso de preservar. Preservar estilizando, recriando em um processo incessante somente possibilitado pela transmissão do que torna possível um novo ato, como afirma Clot (2006). E o que tornaria possível outro ato senão a transmissão de algo que nos punge[17], para empregar uma expressão de Barthes (2017), ou de algo da ordem das paixões como diz a professora Begônia na Roda de Conversa, *"O que eu passei pra ela foi a paixão, né, e agora..."*

17 Para Barthes (2017), o *punctum* de uma foto é aquilo que abre fendas e fere, mas que também provoca estímulo ou incentivo.





SUMÁRIO



Segue um trecho dos diálogos:

> **Violeta:** *...ser professora da rede pública me prende no sentido da minha função social. Como eu disse, trabalhei em três municípios, em um desses municípios eu conheci a* ***Begônia,*** *que é minha amigassa, assim, e hoje eu sou professora de bebês, eu devo isso à* ***Begônia****, né, porque eu tive a honra e a alegria de trabalhar um ano com ela numa turma de bebês, e eu ficava, assim, admirando ela, sim, porque ela é maravilhosa, ela, como professora de bebês, assim, a mais linda que eu conheço é ela, mais legal, como os bebês, e depois que eu trabalhei com a* ***Begônia*** *eu me apaixonei pelos bebês, e trabalhei só com os bebês. E hoje sou professora de bebês. Amo, amo, sou apaixonada. E... passando aqui...*
>
> **Begônia:** *O que eu passei pra ela foi a paixão, né, e agora...*

Transmitir a paixão é passar algo que movimenta, que aciona um engajamento em um trabalho que, enquanto atividade, é da ordem do inacabamento. Transmite-se algo que faz agir no trabalho. Transmite-se um gérmen capaz de fecundar estilos e assim alimentar um gênero profissional sempre ansiando por se renovar. Assim, tal diálogo traz a expressão de uma dinâmica pela qual se constituem as professoras que quando se apresentam o fazem carregando "todas" as outras consigo. Em uma espécie de reconhecimento de si enquanto tornam-se professoras umas com as outras no lastro do ofício.

O reconhecimento da importância da colega que transmitiu algo que a teria convocado a investir na educação infantil deu espaço para uma troca entre as professoras que dizem do reconhecimento de sua importância no trabalho que realizam. A expressão empregada *"o que passei pra ela foi a paixão"*, é portadora de preciosos elementos do ponto de vista das análises da transmissão no âmbito da experiência do trabalho como ofício, na e a despeito da pandemia. O que passaram umas às outras é da ordem de uma potência afetiva, capaz de sustentar a cada uma no instigante movimento de tornarem-se outras enquanto tornam seu ofício outro.





SUMÁRIO



A paixão como sendo o que teria sido transmitido, conforme diz a professora, consiste, parece-nos, na própria dimensão gestual do trabalho que compõe a experiência, no sentido indicado por Benjamin (1992) ao dedicar-se ao tema da narrativa e da transmissão[18]. Para o autor, transmite-se a experiência por narração, não apenas pela oralidade, mas também pelos gestos impressos no modo como contamos (e fazemos) algo. Assim, o autor ressalta o valor do corpo na transmissão, tal como as mãos do oleiro na argila que possuem a potência de contar a feitura do que dela resulta como efeito; mãos e vozes transmitem não apenas o que sabem, mas também o que não sabem e com o que se defrontam quando da experiência de algo (Freitas, 2018).

Outro aspecto interessante destacado por Benjamin (1987) é o de que quem narra não é necessariamente quem vivenciou a situação ou a criou, aquela ou aquele que narra conta, na maioria das vezes, o que lhe foi transmitido por outra pessoa, e que, por sua vez, é acrescido de um olhar outro neste processo. A narrativa, portanto, não é propriamente de alguém, nem recobre toda uma realidade dada. Ela, no ato mesmo em que se dá, carrega conselhos. O sentido da palavra conselho ganha aqui um contorno especial, uma vez que ele é menos uma resposta a uma situação quanto uma pergunta, e até mesmo sugestão que permite a continuação da história narrada. Por essa razão, afirmamos que:

> No campo do trabalho, pelo compartilhamento entre colegas – na efetiva formação do coletivo de trabalho –, o trabalhador tem a possibilidade de vivenciar as experiências não como sendo apenas suas. As experiências pelas quais seus colegas passam, ao serem compartilhadas, tornam-se 'repertório' para todo o coletivo, incorporando-se à narrativa

18 Em textos dedicados a pensar o campo clínico do trabalho e os conceitos de experiência, narrativa e transmissão a partir do pensamento de Walter Benjamin, Rocha e Amador (2019) e Barros, Freitas e Chambela (2019) exploram tais elementos no que tange à especificidade da experiência de trabalho, notadamente aquela considerada enquanto atividade. As primeiras no texto intitulado *Experiência e Narrativa: inspiração benjaminiana para uma Clínica do Trabalho* e as segundas, no texto *Diálogos entre o conceito de experiência em Walter Benjamin e a Clínica da Atividade.*





SUMÁRIO



> maior sobre aquele trabalho, e provendo a possibilidade de seguirem sendo transmitidas, mesmo por quem não chegou a vivenciar diretamente determinada situação específica (Rocha; Amador, 2019, p. 9-10).

Para Clot (2010a), transmitir um gesto bem-sucedido é transmiti-lo firmemente. Incorporado por quem o realiza, efetiva-se por corporificação do aprendizado. Não se reduz à sua dimensão racional-cognitiva. É um cognitivismo de outra ordem que se dá por acoplamento, dispensa a mediação da representação. É nesse processo de corporificação que é possível expurgar os gestos saturados pelas intenções de outro a fim de conseguir fazê-los de cada um, em situações singulares.

Nessa via, a transmissão não se trata de mera imitação. A transmissão do gesto do trabalho não se faz como uma linha reta que conduz diretamente um sujeito para um objeto, implica apropriação. Uma multiplicidade de modos de fazer pode se configurar, indicando um porvir possível. A transmissão do gesto segue sempre um curioso percurso. O que é transmitido é um gesto despertado do sono genérico pela atividade contrariada de um profissional. A transmissão é um desenvolvimento do gesto (Clot, 2010a). Assim, seu sentido não é transparente, e a imitação formal do gesto não é uma garantia contra seu uso inadequado. É a partir de uma postura atencional ao presente que vai sendo burilado o que é transmitido, produzindo-se assim um estilo. Estilizam-se os gestos segundo uma tradição genérica. Aprender um gesto é retocá-lo continuamente em função de circunstâncias sempre heterogêneas que ele atravessa e no âmago das quais ele se refrata e sai enriquecido, mas também eventualmente amputado.

Como fazer seu um gesto alheio à luz de uma estilização? É preciso avaliar se o gesto é apropriado para si próprio em situações concretas e singulares, como no jogo cama de gato que, conforme Haraway (2023), implica em passar algo para alguém que é chamado à responsabilidade de fazer algo com isso e continuar. A experiência





SUMÁRIO



coletiva não é transmitida, no sentido de ensinar para o outro o que fazer. Ela resiste e perdura sob a forma de um processo ininterrupto e também pode perder-se. Ninguém recebe uma experiência pronta a ser usada, toma-se lugar na corrente das atividades e dos gestos, que podem produzir uma suspensão temporária.

O gesto compõe nossas narrativas de ofício. Narramos, em nosso caso, em situações de trabalho, não somente com palavras, mas com as mãos, com um corpo também, com memória. O gesto pode ser, simultaneamente, testemunha e testemunhado. Ele pode compor aquilo que a testemunha narra, aquilo que faz ao narrar e aquilo que sofre narrando (Freitas, 2018). Ao mesmo tempo, o gesto pede que seja testemunhado para que sua existência seja transmissível, pois uma 'emoção', um 'gesto ativo', que não se dirigisse a ninguém, que fosse absolutamente solitário e incompreendido, não se constituiria como 'moção', movimento, e seria "somente uma espécie de cisto morto dentro de nós mesmos" (Didi-Huberman, 2016, p. 33).

A história de uma trabalhadora, de um trabalhador não é somente uma história "dela", ou "dele", de pertença a uma interioridade absoluta. Adverte-nos Didi-Huberman (2016) de que nossas emoções são gestos ativos, que nos lançam para 'fora' de nós mesmos. Elas, portanto, podem consistir num limiar entre o interior e o exterior. Conclui o autor, que a emoção não diz 'eu', pois estamos fora de nós mesmos, mas é preciso recorrer a uma terceira pessoa, como um 'nós'.

Então, como foi transmitir a experiência de trabalho na pandemia e partir da pandemia? Quais as peculiaridades desse processo, afinal se vivia tempos de intensa profusão de desafios no sentido de sermos impelidas a fabricar novos contextos, como sugere Yves Clot (2013a), em urgência máxima em níveis de indeterminação altíssimos.

> **Tulipa:** *E quando a gente saiu, né, pra pandemia, o professor tá sempre na escola e hoje em dia... A gente achou que ia ser só um mês, né. Passaram-se dois, passaram-se*





SUMÁRIO



três, e a gente foi fazer coisas na nossa vida que a gente nunca faz, né, que a gente não tem tempo, né. Então a gente começou a fazer muitas coisas, assim. Só que esse tempo não acabava nunca, assim, e foi isso aumentando então, né. E aí eu acabei, nesse meio tempo eu acabei adoecendo, assim, mas eu consegui receber a ajuda necessária, fui sempre muito acolhida na minha escola, né. Eu precisei de um tempo, e recebi das gurias esse tempo.

"Adoecer" pode comportar muitos sentidos. Pode, inclusive, ser o revés de uma saúde, uma saída para afastar-se de situações onde os constrangimentos para agir no trabalho são muitos. Cabe aqui relembrar que a saúde no trabalho passa pela possibilidade de expandir o poder de ação no trabalho o que implica uma dinâmica coletiva. Em tempos de pandemia, o próprio vírus, ao mesmo tempo que se apresentou como obstáculo que forçou agir, provocou também constrangimentos à ação com suas distintas ameaças.

No âmbito do trabalho docente, a pandemia carregou consigo uma série de consequências do ponto de vista da organização do trabalho. Como dizem as professoras, o tempo de fazer muitas coisas que não se fazia só aumentou... mas o tempo do tempo de fazer muitas coisas durou muito tempo, e suscitou modos de reorganização das experiências escolares baseada na educação a distância, que se mostrou inadequada para a educação infantil, afinal, as professoras dizem não acreditar na educação infantil a distância, bem como com uma sobrecarga do trabalho docente, que exigiu o domínio das novas tecnologias para manter o contato com crianças e famílias.

O afastamento do ambiente escolar concreto, que inviabilizou os encontros com as crianças e com coletivo de professoras em função do enfrentamento necessário à pandemia de Covid-19, engendrou outros novos movimentos dos docentes, desequilibrando e impondo a construção de novos corpos, outras maneiras de existir, sentir e agir, afinal é muito perturbador não poder tocar nas crianças, brincar com elas. Rolink afirma:





SUMÁRIO



> [...] marcas são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (Rolink, 1993, p. 2).

Ao rememorar o afastamento e (re)encontro com os bebês as docentes apontam para marcas traçadas em seus corpos que se reatualizam na construção de ininterruptos vínculos, que podem produzir corpos tristes, na ausência dos encontros presenciais, mas também encarnar corpos alegres na produção coletiva de afetos por outros caminhos nunca antes trilhados. Caminhos inimagináveis foram traçados. Encontro-força, afeto, imaginação, composição, alegria, criação. Encontro-produtor de marcas. Ora, a produção de saúde-vida das professoras se efetiva pela possibilidade de encontro presencial com suas parceiras de trabalho e com as crianças. O espaço/tempo da educação infantil se constitui nesses encontros, se faz no contato de corpos com corpos, abraços, e na paixão pelo real. Paixão do real que Yves Clot (2010) vincula à descoberta do que somos capazes no e pelo trabalho, justamente porque é no enfrentamento dos desafios do real que isso acontece. Envolve uma espécie de acriançar-se. Na educação infantil o cheiro, o olhar, o toque são elementos essenciais desse ofício, de maneira que foi perturbador, na pandemia, não poder tocar nas crianças, brincar com elas presencialmente.

MOMENTO DE ESCUTA, DE CONT(AÇÃO)

Quando nos dirigíamos para o final do encontro, a equipe pesquisadora restituiu os aspectos colocados em análise até ali, e reforçou o convite para novos encontros e também para um trânsito pela plataforma da pesquisa quando uma professora relança a conversa com uma pergunta: "o que vou escrever na plataforma?",





SUMÁRIO



ao que responde a colega: "o que tu passou na pandemia!". A partir daí ela identifica que precisou escutar muito na pandemia! Diz que contaria sobre a escuta que ofereceu para quem agora a escuta!

Era tempo de historiar, de contar, de oferecer escuta. Professoras o fizeram junto às crianças, aos familiares das crianças, entre si e agora se colocavam a fazer também com a equipe pesquisadora. Era tempo de fazer-se "escut(ação)", o que implicou e implica em criar meio para dar existência a si como escutadoras. Dimensão essa que possivelmente por transmissão comporá o ofício docente no pós-pandemia, comporá o gênero profissional docente a partir da situação pandêmica. O que se transmite? A paixão por alguma coisa, aquilo que faz problema, que convoca a mobilizar-se. Há passagem do fazer e do gosto pelo fazer, transmissão. Transmitir algo que permita estranhamento capaz de abrir sentidos e rumos.

> **Violeta:** *Com certeza sim, **Begônia**, eu até queria comentar uma coisa que me veio, assim, à cabeça, eu acho que tinha comentado com a **Tulipa** hoje, que a gente tava na dúvida, o que que escreve na plataforma, né, e a **Tulipa**, ora, escreve tudo que a gente passou das experiências da pandemia, e aí me veio uma coisa assim na cabeça, que agora a gente tá num momento de escuta, né, vocês nos escutam, como pesquisadores, psicólogos, e eu me lembro de como a gente se coloca nesse lugar de escuta também pras famílias, né, e muitas vezes essas famílias não tem a quem recorrer, essas mulheres, né, **Tulipa**, a **Tulipa** atende bem mais de perto do que a gente, mas a gente também faz essa escuta, mas eu acho que a **Tulipa** tem esse olhar mais sensível ainda. De como elas nos procuram e a gente faz esse papel, não como psicólogas, né, de maneira nenhuma, mas como educadoras, mulheres, inclusive, também, fazendo essa... escutando, né, o que que elas têm pra nos dizer, e como isso eu sinto que fez muita diferença na vida de quem foi escutada, com certeza, teve uma... uma diferença, e eu agradeço a vocês, também, por nos escutar, além da pesquisa, mas agradeço, bastante. Eu gosto de conversar sobre esses relatos, assim, das minhas experiências e sentimentos.*





SUMÁRIO



Enquanto microgestão dos processos de trabalho, fazer escuta naquelas circunstâncias implicou na criação de estratégias impensadas, afinal foi necessário dispor de horários inusitados para estarem via Whatsapp e frequentemente em chamadas de vídeo com as crianças e seus pais. Foi necessário ainda, produzir meios cuidadosos para entrar na casa das famílias e de oferecer a sua para esse contato, bem como foi preciso expandir as fontes de conexão já que como diz a professora a respeito dos desafios de escutar: *"como educadoras, mulheres, inclusive...."* Estariam elas diante de situações em que as dramáticas vividas na pandemia extrapolavam as questões escolares? Envolveriam dimensões de gênero? Problemas domésticos e familiares que teriam direta relação com o conteúdo de seu trabalho: atender crianças de 0 a 5 anos?

Pesquisadora e pesquisador reforçam o convite a prosseguirmos compartilhando e analisando o que vinha sendo feito para dar conta dos desafios, do que vinham fazendo para fazer o que precisava ser feito em condições tão adversas. Seria por meio dessa cont(ação) que iríamos estar pesquisando esse trabalho docente emergente que nascia, que inaugurava, de alguma maneira.

Diz então a professora Tulipa:

> *...a gente escuta tanto, né, e a gente acolhe tanto que quando a gente encontra esse momento de poder falar do nosso próprio trabalho, assim, pra vocês é uma pesquisa e pra nós é uma forma de... de ser escutada, assim. Ser acolhida também. Isso faz parte da saúde também.*

Neste momento, novas linhas para conversa foram abertas, as quais são objeto de análises em outras escritas. No ponto de inflexão de nos despedirmos, novo lance de dados foi jogado pela professora e o tema das imprevisibilidades enfrentadas no trabalho docente durante a pandemia tomou força, recomeçando o diálogo.

E segue a cont(ação)...





SUMÁRIO



REFERÊNCIAS

AMADOR, Fernanda Spanier; FONSECA, Tania Mara Galli. Atividade: o trabalho sob o signo do inacabamento. *In:* ROSEMBERG, Dulcinea Sarmento; RONCHI FILHO, Jair; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.). **Trabalho docente e poder de agir:** clínica da Atividade, devires e análises. 1. Ed. Vitória: EDUFES, 2011.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; FREITAS, Maria Carolina de Andrade; CHAMBELA, Suzana Maria Gotardo. Diálogos entre o conceito de experiência em Walter Benjamin e a Clínica da Atividade. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2019.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Transversalizar. *In:* FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (orgs.). **Pesquisar na diferença**: Um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANGUILHEM, Georges. Meio e normas do homem no trabalho. **Pro-posições**, v. 12, n. 2-3, p. 35-36, 2001.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010a.

CLOT, Yves. **Le travail à coeur**. Pour enfiniravecles risques psychosociaux. Paris: Édition La Decouverte, 2010b.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. O ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. especial 1, p. 1-11, 2013a.





SUMÁRIO



CLOT, Yves. A contribuição de Tosquelles à Clínica do Trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 199-208, 2013b.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves; FAÏTA, Daniel. Gêneros e estilos em análise do trabalho: conceitos e métodos. **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 33-60, 2016.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida. **Revista Philosophie**, n. 47, p. 3-7, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

FERNANDES, Lívia Ricardo. **(Uma) infância na experiência, e uma experiência com as infâncias**. Cartografias clínicas do ofício docente na educação básica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREITAS, Maria Carolina de Andrade. **Nos limiares do fora:** experiência e narratividade em políticas de saúde e educação. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2017.

OLIVEIRA, Tatiane. **Violência, trabalho e mulheres negras**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ORTEGA, Francisco. **Por uma ética e uma política da amizade**. Série Caderno de Leituras n. 109. Edições Chão da Feira Belo Horizonte, 2020.

ROCHA, Charis Telles Martins da; AMADOR, Fernanda Spanier Amador. Experiência e Narrativa: inspiração benjaminiana para uma Clínica do Trabalho. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 2019.





SUMÁRIO



ROLNIK, Suely. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93, publicada no **Cadernos de Subjetividade**, v. 1 n. 2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

ROSA, Raquel Hack da. **As relações raciais e a psicologia**: Análises sobre racialização, trabalho e a política pública de assistência social. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

SCHWARTZ, Yves. Dialogue 1 - Trajectoires et usages de soi. *In:* SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (orgs.). **L'Activité en Dialogues:** entretiens sur l'activité humaine (II). Toulouse: Octarès, 2009.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. **Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147-158, 1996.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e ergologia. *In:* SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (Org.). **Trabalho e ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: Eduff, 2007.

SILVA, Lucia Almeida da. **A produção de saúde e resistência por entre a microgestão do ofício na educação:** "Ninguém vai tirar a alegria que eu sinto pelo que eu faço". Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.